

**VOZ AUTORAL FEMININA EM AS COISAS QUE PERDEMOS NO FOGO, DE  
MARIANA ENRINQUEZ.**

Maria Luiza Oliveira E Silva (malu.cajui@gmail.com)

Paulo Bungart Neto (pauloneto@ufgd.edu.br)

A pesquisa privilegiou a análise e interpretação de vários aspectos presentes na antologia de contos intitulada *As coisas que perdemos no fogo* (2017), da escritora argentina Mariana Enriquez, a partir da constatação da acentuada prevalência de narradoras e protagonistas femininas ao longo dos doze contos que a compõem, a metodologia adotada partiu de uma revisão bibliográfica em fontes secundárias como artigos, livros, trabalhos acadêmicos, dentre outros. A coletânea apresenta sete contos narrados em primeira pessoa e cinco em terceira pessoa – em todos eles, é perceptível o protagonismo feminino das ações narradas, sobretudo no sentido de resistir à forte e secular opressão masculina em país latino, região historicamente marcada pela violência misógina. Tendo como pano de fundo e cenário político a Argentina do período pós-ditatorial, é possível perceber nesses contos, além da atmosfera fantasmagórica que sugere a permanência sorrateira de desaparecidos e mortos pela ditadura como incômoda sombra, a denúncia de graves problemas sociais – abandono parental, corrupção e impunidade policiais, gravidez na adolescência, dependência química, maus tratos de crianças etc; bem como o angustiante e distópico olhar da autora para questões cruciais que permeiam as discussões sobre a mulher na sociedade latino-americana contemporânea, vítimas constantes de assédio moral e sexual, violência doméstica, feminicídio, machismo, misoginia, sujeição à predominância secular do patriarcado, dentre outros fatores. Essas características são visíveis em contos soberbos e ao mesmo tempo assustadores, tais como “O menino sujo” e “Sob a água negra”, em que avultam graves problemas relacionados à violência em bairros periféricos e às injustiças sociais; “A casa de Adela”, metáfora dos desaparecimentos ocorridos durante a repressão do governo militar instituído entre 1976 e 1983, atmosfera também reproduzida em outros contos como “A hospedaria” e “Teia de aranha”; e o paradigmático conto homônimo à coletânea, “As coisas que perdemos no fogo”, no qual, cansadas das situações de violência doméstica que culminam em feminicídio, as próprias mulheres começam a atear fogo em seus corpos, como forma de chamar a atenção da sociedade para a questão, exercer uma espécie de “liberdade” sobre si e denunciar algo terrível que remonta ao passado longínquo (a “caça às bruxas” do período da Inquisição, que morriam queimadas em fogueiras), sugerindo que pouco mudou de lá para cá na forma como os homens tratam as mulheres. A pesquisa contou com o apoio de textos teórico-críticos tais como o de Achille MBEMBE (2021) sobre necropolítica; de

Gilles LIPOVETSKY (2004) sobre a Hipermodernidade; de Andreas HUYSSSEN (2014) e Eric NEPOMUCENO (2015) sobre a reconfiguração da Argentina pós-ditatorial e a condenação dos militares responsáveis pela repressão; bem como de capítulos presentes na coletânea organizada por QUADRAT e ROLLEMBERG (2015), a respeito, por exemplo, dos informes chamados “Nunca mais” e do contexto ditatorial, dentre outros.